



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A FERASINHA AMANSADA

POR ANÃO SABICHAO



S pombos correios que fazem o serviço da minha correspondência, trouxeram-me, aqui há tempos, uma carta que de veras me interessou.

Era o tio duma Terezinha muito rabinha que me escrevia.

Contava-me ele que a sobrinha se tornara

assim indomável, à força de mimos que a mãe, — uma senhora viuva, — lhe dera.

Só tarde, ela vira o mau resultado da sua fraqueza pela filha e agora assustava-se, sem poder ter mão na ferasinha que criara.

Resolvi tomar à minha conta aquêlê diabrete. Mas como transformar tal demonico?

E' o que os meus meninos vão ver.

No meu avião sem motor, dirigi-me à quinta, onde vivia o tio da Terezinha.

Escusado será dizer que fui recebido lindamente. Ficou radiante com a trama que eu magicara para curar a insúportavel sobrinha.

Aconselhado por mim, mandou logo um convite para ela vir passar um tempo à quinta.

A pequena pulou de alegria, mas a mãe é que muito inquieta, lhe faz milrecomenda-

ções, antes da partida. Que tivesse juízo, se portasse como uma menina bem educada, sem caprichos, paciente para as rabugices do tio, e delicada com a criada Prazeres — uma velhota a quem deviam grande amizade.

Ora, antes da chegada da Terezinha à quinta, entre o patrão e a criada tinha havido uma conversa, em que eu também meti a colherada.

— Está bem, senhor Anão, pode ficar descansado. — Respondeu a boa Prazeres. — Seja o que fór que suceda, de nada me admirarei.

Logo no primeiro dia, a Terezinha, numa embirração com o Gregó-



rio jardineiro, espezinhou os canteiros, arrancou flores e hastes de plantas, do bem cuidado jardim.

Autoritária, disse mesmo ao espantado Gregório:

— Tens de mudar aquela roseira branca. Põe-a no canteiro, em frente da janela do meu quarto.

— A menina não sabe o que diz! A roseira está agora em flôr, murcharia, se a tirasse dali.

— Eu a regarei! Faze já o que te digo! — Retorquiu ela, gritando.

— Quando o patrão mandar. — Respondeu, indignado, o jardineiro.

— O tio faz sempre o que eu quero! — exclamou a Terezinha, cada vez mais irritada.

E, furiosa, deu um tal pontapé nuns vasos, que eles quebraram-se e as plantas caíram no chão.

— Que menina tão má! — dizia o Gregório, desolado.

Mas o patrão, que chegava nêsse momento, exclamou:

— Não digas isso! Eu até gosto de a ver assim! E tal qual como eu, quando tenho as minhas fúrias! — E dirigindo-se à Terezinha: — Estou encantado! És a única da família que herdaste o meu feitio!

Comprometida, ela gaguejou:

— Ah! o tio também tem êstes ataques?

— Até me admiro como ainda não mostrei já, diante de ti, um pequenino exemplo das minhas irritações! Olha, fazemos esta combinação: tu hás-de perdoar-mas, como eu, também, perdoo as tuas.

A' noite,

a pequena, numa voz receiosa, perguntou à Prazeres:

— O tio é assim de meter medo, quando se zanga?

— Já se vê que sim, menina. Um homem furioso, não é nenhuma brincadeira!

— A Terezinha, já não dormiu essa noite, descansada.

De manhã, ouviu o tio gritar:

— Quem é que teve o atrevimento de levar daqui o meu tinteiro?

— Fui eu, tio. Mas não se zangue, eu vou buscá-lo.

— Não preciso que me pagues sermões! Há mais dum quarto de hora que ando a procurá-lo!...

Apoplético, furibundo, batia com os pés no chão e a Terezinha teve um tal terror que o tinteiro lhe escapou das mãos e ela fugiu para o jardim.

Ao olhar o vestido cheio de nódoas de tinta e ao lembrar-se do estado em que, também, ficara o o soalho, tremia, apavorada.

Mas, daí a bocado, o tio, já sereno, veio procurá-la.

— Porque fugiste? — perguntou-lhe o tio?

— Tive tanto medo de si! Viu-o tão zangado!...

— Ficamos sempre assim, quando perdemos a cabeça. Julgas, talvez, que ontem estavas mansa como uma pomba? E o pior é quando isto sucede, diante de estranhos! Como se divertem à nossa custa! É um defeito tão ridículo!...

Vexada, a Terezinha amou. Durante o almoço, não levantou a cabeça do prato.

Nisto, um murro violento fez tremer a louça e e os vidros.

— Prazeres, esta carne está mal passada! — e, ameaçador, cresceu para a criada, com um prato na mão.

Aterrorizada, a velhota correu para a cozinha, mas êle seguia-a, furioso.

— E' capaz de a matar! — pensava a pequena, cheia de ansiedade.

Decidida a defender a Prazeres foi atrás do tio. Este, muito agitado, enxugava a testa, murmurando:

— Ainda bem que se fechou na cozinha, senão dava cabo dela! Se volto a ter destas fúrias, com certeza, caio doente.

— Mas o tio precisa ter paciência.

— Falas bem! Quando ontem te zangaste também tu fizeste um tal barulho!

A pequena teimou:

— Se o tio tivesse boa vontade, emendava-se.

(Continúa na pag. 7)



O PAPAGAIO REAL

POR ZÉ D'ALDEIA

EM tempos que já lá vão,
(Tempos imemoriais)
Houve uma reunião
De todos os animais.

Tratava-se de saber,
Com muito bonitos modos,
Qual, pelo seu discorrer,
Seria o maior de todos!

Foi renhido esse concurso,
Por vezes apaixonado,
Desde os mosquitos ao urso,
Tudo ali representado!

Era mister apurar,
Por entre provas cabais,
Quem se devia chamar
O rei dos irracionais.

Cantaram os passarinhos
As suas lindas canções;
Grilos, cigarras, ratinhos,
Patos, galos e leões!

Logo tudo, tudo, à uma,
A mostrar o seu saber...
Um grande concurso, em suma,
Para um júri resolver.

Este júri era formado,
Tendo como presidente,
Um macaco inteligente,
Dêses de rabo pelado...

Secretários: o elefante
E um camelo do Saaráh...
Coisa assim tão importante
Não houve de então p'ra cá!

Vai passando a bicharada,
Que dá provas de saber,
E, quando já terminada



Essa tremenda massada,
O júri vai resolver.

O silêncio é sepulcral!
Há ordem e há compostura
Entre o povo irracional...
Mas, súbito, em certa altura,
O burro pôs-se a zurrar,
Dando largas aos pulmões...
Para poder provocar
Dêsse júri as atenções!

Zurrava assim,
Naquele tom
Bem conhecido,
O atrevido:

— «Hon!
«Hin!
«Hon!
«Hin!
«Hon!
«Hon! Hon! Hon!» —

O macaco dá um murro
E diz, então, para o urso:
— «Não acha? Quem nasceu burro,
«Não entra neste concurso!...» —

Causou o caso sussurro;
Até a burra murmura:
— «Meu marido foi um burro,
«Por zurrar em tal altura!...» —

Serenado o incidente,
Anuncia o presidente,
A guinchar com distinção:
— «Proceda-se a votação!...» —

Não vota o burro, coitado!
Pois do concurso excluído,
E' por todos apupado:
— «Fóra! Fóra! O atrevido!» —

Estava à porta o papagaio,
A fazer papel de guarda;
E, vendo o burro de albarda,
Diz-lhe, olhando-o de soslaio:

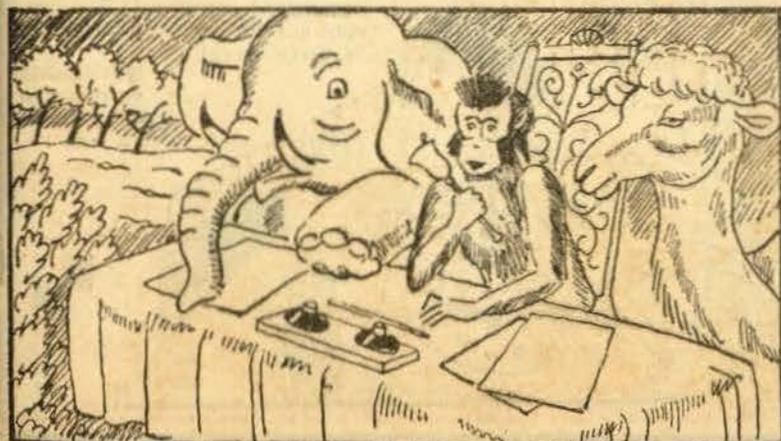
— «Com que, então, querias ser rei?
«Ora o grande toleirão!
«Tu não vês que só eu sei,
«(Pois para tal estudei),
«Cantar,
«Falar,
«Discursar,

«Como o rei da criação!
«Papagaio real,
«Para Portugal,
«Quem passa?
«E' o rei que vai à caça!»

E pôs-se a imitar
Lá do seu poleiro,
Todo chocarreiro,
Do burro o zurrar,
Do gato o miar,
Do cão o ladrar,
Do galo o cantar,
Do môno o guinchar!

A bicharada,
Voltou-se, logo, espantada!
Oh mas que caso invulgar!
Um papagaio a falar!
Para mais admiração
Como o rei da criação!

E a bicharada dizia,
A olhar-se boquiaberta:
— «Que grande sabedoria!
«Que cabeça tão esperta!» —



(Continua na página 6)

MIMI, NECAS e LÚLÚ

OUTRA AVENTURA Por LEONOR DE CAMPOS

«**A** I que aborrecimento!...» — suspirou Mimi.
«Também eu estou maçado!...» — disse Necas.

«E eu!...» — afirmou Lúlú.

Os três pequenos estavam na verdade aborrecidíssimos. Pudera!... O dia triste e chuvoso não lhes consentia o irem brincar para o quintal!...

Porisso, no quarto dos brinquédos, o nariz achatado contra os vidros da janela, eles abriam a boca, espreguiçavam-se, sentiam-se mal dispostos, desolados...

«Oh Lúlú! — disse, de súbito, a Mimi. — Então tu, hoje, não tens ao menos uma boa idéia?»

«Eu não! — respondeu Lúlú desconsolado. — Estou mesmo tapadinho de todo!»

«Ora, ora! — duvidou Necas. — Espreme lá essa mi-leira! Pode ser que saia qualquer coisinha boa!...»

Lá fora, no quintal, passava agora o gato Farrusco, que aos saltinhos, para se livrar das póças de água, recolhia a casa.

Mimi, que era muito amiga do bichano, lamentou-o: «Coitadinho do Farrusco! Descalço, a molhar as patinhas... ainda apanha alguma constipação!...»

Lúlú teve uma idéia!

«E se nós lhe arranjássemos uns sapatinhos?»

Os irmãos aprovaram logo:

«Boa idéia!...»

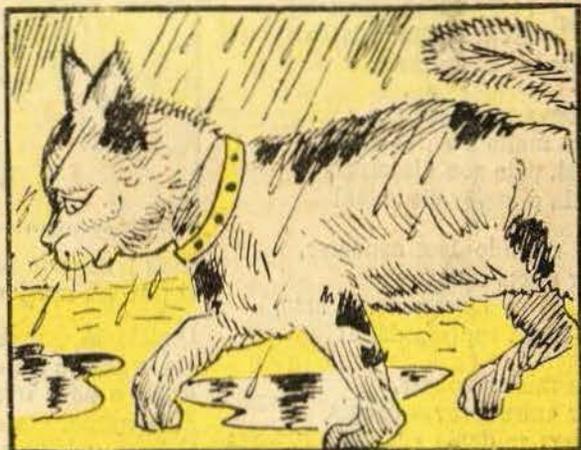
«Vamos a isso!... Mas, como vão de ser?»

A Mimi lembrou:

«Fazem-se uns de papelão!...»

«Olha que disparate! Logo que se molhassem, — dis-cordou o Lúlú — desfaziam-se!...»

«É ver-



dade!» — concordou a Mimi, envergonhada da sua patetice».

«Alto!...» — Achei! — disse Necas, todo pimpão. — Tiram-se as capas de oleado aos nossos cadernos e fazem-se os sapatos com elas!...»

Lúlú franziu o nariz:

«Ná!... Isso também não serve! Se ele se lembrava de lhes deitar as unhas... era uma vez uns sapatos!...»

Calaram-se todos, pensativos. Mas o Lúlú, ao cabo de pouco tempo, exclamou:

«Esperem, que eu já venho!...»

Saiu a correr. Daí a pedaço regressava, com os bolsos inchados e um martelo. Os irmãos acercaram-se, curiosos. O Lúlú meteu a mão nos bolsos e tirou um punhado de nozes. Em seguida começou a parti-las cuidadosamente: com o martelo dava-lhes uma pequena pancada esforçando-se por abri-las ao meio. Comia e dava aos irmãos o recheio e punha as cascas de lado.

«Junta-se o útil ao agradável!» — dizia ele, com a boca cheia.

Logo que conseguiu reúnir quatro metades completas de cascas de nozes, chamou o Narciso, o pequeno criado e ordenou:

«Vai buscar o Farrusco e o frasco da cola!»

Pouco depois aparecia de novo o Narciso, que trazia o gato e a cola.

Lúlú, então, encheu de cola as cascas das nozes e aplicou cada uma delas à sua pata do Farrusco. Este que era mansarrão e paciente, deixou-se calçar.

Ter minada a operação, o Lúlú recomendou à irmã:



«Mimi, segura bem o bicho, para esperarmos que a cola seque!»

O gato, aninhado no colo da Mimi, sentia-se quente e deixava-se estar quieto. A petizada estava satisfeita e apesar de impacientes por verem o gato a andar, esperavam que a cola secasse. O Lulu revia-se orgulhoso na sua obra:

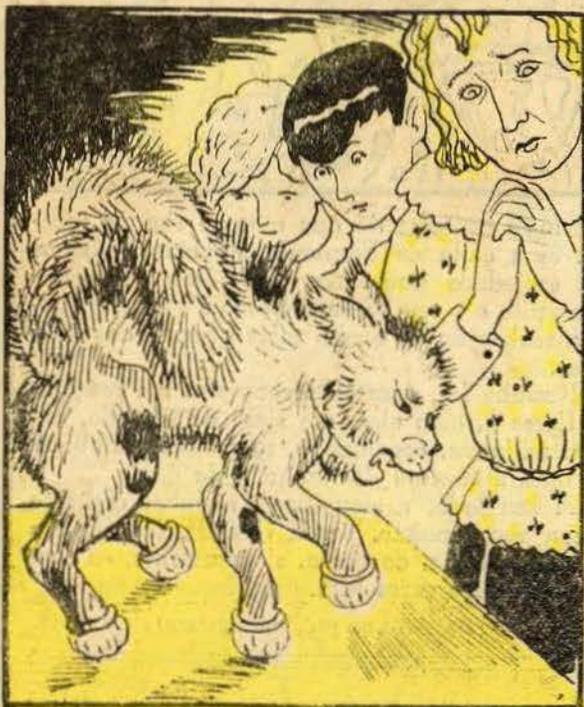
«Hein? Que dizem vocês à minha idéia? Agora o Farrusco fica bem calçado para toda a sua vida!»

E após uma pausa, acrescentou:

«Bom! Agora podes pô-lo no chão!»

A Mimi cumpriu a ordem... não sonhando o desfecho!...

O Farrusco, desabitado de sapatos, não gostou de se ver calçado. Desatou aos saltos, a rebolar-se no chão, a esfregar as patas no focinho. E à medida que ia verificando a inutilidade dos seus esforços para se libertar do incómodo calçado, ia-se enfurecendo. Até que, no auge do



desespêro, se pôs a correr em volta da sala, soltando um Miau! Uff!... Miau... Uff!... de aterrar!...

Os três marotões assustaram-se. Chelos de medo, trepavam às cadeiras, escondiam-se atrás dos armários, buscavam em vão um refúgio que lhes permitisse escaparem-se às iras do gato. Mas o Farrusco, assanhado, não os deixava sossegar. Corria atrás dum, arranhava as pernas de outros, mordía todos.

Aos gritos dos pequenos acudiu a gente da casa. Mas ninguém se atrevia a agarrar o bichano!... Só a mãe dos endiabrados não perdeu a serenidade. Correu ao quarto dela e tirou um cobertor da cama. Sem perda de tempo voltou ao quarto dos brinquedos. E no momento em que o Farrusco, o pelo eriçado, os olhos flamejantes, a miar desesperadamente, Miau! Miau! Uff! Uff!..., passava junto dela, lançou-lhe por cima o cobertor, imobilizando-o. Depois mandou buscar água morna e, com o auxílio das criadas, do Narciso e da Miss, conseguiu, após grandes esforços e alguns arranhões, descalçar o Farrusco.

Desta vez os pequenos diabretes não foram castigados pelos pais. O susto que apanharam e os arranhões nas pernas, foram para eles o melhor castigo.

Julgo que nunca mais voltarão a pensar em fazer sapatos para o Farrusco ou qualquer outro bicho!...

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

FESTIVAL do PIM-PAM-PUM



Conforme prometemos no nosso número anterior, publicamos, hoje, o primeiro cupão para o grande festival que o nosso suplemento oferecerá aos seus pequeninos leitores no meado do próximo mês.

O vosso querido Anão Sabichão, sempre incansável, no desejo de vos proporcionar horas alegres, vai organizar um programa sensacional, para a grande festa que terá lugar numa vasta casa de espectáculos, de maneira a poder comportar todos os seus inúmeros admiradores. No próximo número inseriremos o segundo cupão.



DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

Mas... que tem, Helen? Sente-se mal? Vejo-a tremer? Que tem?»

— «Nada, Fernando! Oh!... Não tenho nada. Uma forte palpação, apenas...»

Jogo demasiadamente o *tennis*... O médico proibiu-mo... Mas agora já estou bem, Fernando. Já tudo passou. Fale-me dêsse amor, fale-me da sua noiva! Sabe bem, ao meu espírito desportista de rapariga inglesa, adoçar-se, suavisar-se, com um pouco do puro sentimentalismo português.»

— «Não sei que estranha ironia, Helen, descubro na sua maneira de falar...»

— «Mas que idéa, Fernando! E' talvez mágoa pelo másculo temperamento com que Deus dotou as raparigas inglesas... Temperamento duro, tão alheio a êsses terníssimos arroubos amorosos. Tenho pena de não sentir, também, na alma, a doce impressão dum sentimento espiritual e afectivo.»

Tenho pena de ser tão insensível! Tenho pena de não ter coração! Tenho pena de ser tão infeliz! — e Helen, desatando a chorar convulsivamente, saíu, correndo, da sala, deixando Fernando na maior das surpresas e com um nó na garganta... sem bem saber porquê!

Rosinha, a nossa modestíssima Rosinha, que vive numa apertada rua de Lisboa, em casinha humilde mas simpática, com mangericos e craveiros, amorosamente portugueses, debruçados no tóscico varandim, está hoje muito alegre, muito feliz e até vestiu o vestidinho melhor de casa branca, há muito guardado na arca das reliquias caseiras.

Vive agora com a sua avózinha e já não está a servir em casa dos maus patrões, que lhe batiam e lhe faziam doer, ainda mais à alma do que ao corpo. Está mais mulher, a Rosinha, mas tem no olhar a mesma limpidez infantil e, na boca, o mesmo dulcíssimo sorriso. Sabem porque ela



está mais contente do que nunca? Porque recebeu uma carta de Fernando, anunciando-lhe a sua sociedade numa das Empresas de mister Crossmith e o seu breve regresso a Portugal, para a realização do sonho mais querido das suas vidas.

Rosinha foi, dum salto, comprar um braço de flores e, com elas, em sinal de regosijo, encheu as jarras, espalhando, no modesto ambiente, uma atmosfera de beleza e de graça.

A seu lado, a simpática avózinha, contente por a ver contente, sorria desvairecida para a querida netinha, de quem, sinceramente, se considerava duas vezes Mãe.

(Continúa no próximo número)

CHARADAS EM FRASE

Cantando-a, com mágoa, a mulher perversa deu colorido a esta terra portuguesa 2-1-1.

Este homem entre a poeira descobriu um batráquio 1-1.

Numa esquina em pleno solo encontrei esta música de igreja 2-1.

A' soalheira do quartel foi concedido um louvor a êste militar 1-2.

Este titular traz no peito esta insignia 2-3.

All, nesta serra portuguesa vi louvado êste apelido 1-2.

Solução das anteriores: — 1 - Penacova — 2 - Sobrado — 3 - Camaleão — 4 - Pannelas — 5 - Retrato — 6 - Papagaio.

O PAPAGAIO REAL

(Continuação da página 3)

Já não há mais que votar!
E, numa grande ovação,
Acabam por aclamar,
(Sem que um só dissesse não)
O papagaio real.

Mas porquê, vão perguntar?

Porque, como um racional,
Ele soubera falar!

Hão-de, por certo, indagar,
Meus leitores costumados,
A moral a retirar
Dêstes versos mal notados,

Do conto a moralidade
E' uma verdade pura:
«Quem aprende, com vontade,
«Faz sempre boa figura».

■ ■ FIM ■ ■

O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Satisfazendo o pedido da Maria Gabriela, trago-vos, hoje, este casalinho de peixeiras que, contentes e cantando, lá vão para a sua faina. Cheios de alegria e de cor, que regalo vai ser executá-los nos vossos trabalhos! E que variadas aplicações lhe podemos dar! Fatinhos de banho e de praia, bibes, guardanapos, almofadas, etc., em tudo este parzinho fará um vistão!

Também ficará muito engraçado, bordado sobre estopa de linho para um calendário. É indiferente executá-lo em ponto pé de flôr ou cadeia. Aplicam-se as côres da seguinte maneira.

Azul — sala da peixeira e lenço da cabeça.

Castanho — calças do peixeiro e barrete.

Amarelo — cesto e cana da pesca.

Encarnado — cinta do peixeiro.

Verde — Blusa do peixeiro.

Côr de rosa — blusa da peixeira.

Côr de carne — caras, braços, mãos e pernas da peixeira.

Preto — chapéu da peixeira, cabelos e sapatos.



E agora espero que a Maria Gabriela me diga se ficou contente.

Para todas vão muitas saudades da

ABELHA MESTRA

ZEZINHA — O desenho que me pediste da galinha com os pintainhos, sairá muito brevemente.

FERNANDA — O coelhinho só poderá ser publicado depois de satisfeito o pedido do Zezinha.

A FERASINHA AMANSADA

Continuação da página 2

— Experimenta tu, primeiro, e talvez eu te imite. Bem, vamos acabar o almoço, se ainda houver alguma coisa que comer.

Tal não sucedeu, porque o canito da casa aproveitara-se da balbúrdia e, deliciado, estava sobre a mesa, lambendo tudo.

Terezinha olhava, estarecida, o tio. Outra vez, fóra de si, ele agarrara na sua boneca — e, com toda a violência, atirara-a ao chão que fugia.

— Tio! Tio! — gritava a Terezinha lavada em lágrimas. — Quebrou a cara à minha Lili!

Ele olhou, espantado, para o chão, onde jazia a boneca.

— Maldito mau génio! Não há defeito pior! — disse compungido.

— Não há defeito pior! — repetiu, tristemente, a chorosa Terezinha, apertando nos braços a sua boneca mutilada. — Quanto mais penso nisto, mais me parece que devemos acabar, de vez, com estes repentinos. Sempre fazem cada estrago!...

E, animada, na sua resolução, acrescentou:

— Eu vou experimentar emendar-me.

— E eu seguirei o teu exemplo, Terezinha. Prometo, dorávante, só me enfurecer, quando tu tiveres alguma fúria.

— Então, meu querido tio, a nossa combinação, vai dar bom resultado.

Firme no seu propósito, a menina caprichosa, reagiu contra as suas impaciências e rabinices. Nunca mais houve, naquela casa, cenas desagradáveis!

A Terezinha tornou-se tão amável que até ajudava, agora, o Gregório jardineiro, na sua faina, sempre muito sorridente e gentil!

E, quando a mãe a veio buscar, teve a enorme alegria de, em lugar dum demonico, levar consigo um anjinho!

— Vejam lá, como este Anão, tornando, um bom tio, papão, fez da Terezinha, rabinice, uma excelente menina!

■ F I M ■

MENINOS, NÃO TENHAM MÊDO!



I — Meus meninos, ter medo é coisa feia;
e, como prova disto que vos digo,
escutai: — Um menino, em certa aldeia,
em tudo estava sempre a ver o Prigo.

II — Dum argueiro fazia um cavaleiro;
sonhando com ladrões, temia o roubo...
E um dia, em plena estrada, viu um lobo
capaz de devorar o mundo inteiro.



III — Caminho do mercado, o rapazito,
por mandado da mãe, ia comprar
laranjas e maçãs para o jantar,
sobraçando um pequeno cabazito,

IV — quando, subitamente, ao fim da estrada,
uma sombra aparece com o aspecto
dum autêntico lobo e, logo, inquieto,
nosso herói — (que de herói não tinha nada) —



V — treme de susto e foge, em loucos brados,
sem atentar, sequer, que o lobo horrendo,
era, como os leitores estão vendo,
dois bêbados que vinham abraçados.

VI — Para que os leitorzinhos nunca sintam
êste mêdo, que é coisa vexatória,
tenham sempre presente, na memória,
que o Diabo não é tal como o pintam!